

Eça de Queirós e Antero, amigos. O diálogo fecundo de dois génios Lúcio Craveiro da Silva

Foi Eça que descobriu Antero pela primeira vez e esse encontro, cheio de admiração e arrebuo, revelou-o em páginas tão belas que cintilam indelévels no *In Memoriam* de Antero: “Em Coimbra, uma noite, noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as minhas **Sebentas** na algibeira o Largo da Feira, avistei sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas pela lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pé, que improvisava. A sua face, a grenha densa e loira com lampejos fulvos, a barba dum ruivo mais escuro, frisada e aguda à maneira siríaca, reluziam, aureoladas. O braço inspirado mergulhava nas alturas como para as revolver. A capa, apenas presa por uma ponta, rolava por trás, largamente, negra nas lages brancas, em pregas de imagem. E, sentados nos degraus da Igreja, outros homens, embuçados, sombras imóveis sobre as cantarias claras, escutavam, em silêncio e enlevo, como discípulos.

Parei, seduzido, com a impressão que não era aquele um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiquíssimo século XVIII – mas um Bardo, um Bardo dos tempos novos, despertando almas, anunciando verdades. O homem com efeito cantava o Céu, o Infinito, os mundos que rolam carregados de humanidades, a luz suprema habitada pela ideia pura ...

Deslumbrado, toquei o cotovelo dum camarada, que murmurou, por entre os lábios abertos de gosto e pasmo: – É o Antero ...”

“Então, perante este céu onde os escravos eram mais gloriosamente acolhidos que os doutores, destracei a capa, também me sentei num degrau, quase aos pés de Antero que improvisava, a escutar num enlevo, como um discípulo. E para sempre assim me conservei na vida”. (pp. 481-483).

Primeiro a admiração, depois a comunhão de ideias, em seguida a intimidade e um diálogo que durou por toda a vida ...

Este diálogo, porém, tinha interlocutores diferentes porque, embora pertencendo à mesma geração, ambos eram génios irrepetíveis, personalizados. A admiração, o enlevo dessa noite do encontro com Antero perdurou sempre no espírito de Eça e por isso o apelidava de “Santo Antero”, “um génio que era um santo”. No seu *In Memoriam* vai-o descrevendo sempre com um conhecimento muito próximo de quem acompanha um amigo mas ao mesmo tempo reconhece o desigual percurso do seu génio. Viviam juntos e sonhavam ambos as arremetidas juvenis da academia revolucionária e racionalista e o ambiente pesado e duro da universidade. Mas a linha cultural de Antero era metafísica e moral e a de Eça era sobretudo estética e literária. E é este brilho contrastante, duradouro e indelével, que iluminou a nossa história literária e filosófica, que aqui nos interessa recordar na amizade e no diálogo cultural destes dois génios: tanto mais que depois os separou por longos anos as contingências da vida, e por isso Eça “não foi testemunha da sua vida de militante socialista” (Cf. p. 501) e “passaram anos em que não viu Antero, instalado então em Vila do Conde” (Cf. p. 505).

Em todo o caso ía seguindo com acribia o pensamento de Antero na sua interrogação sobre o destino do Universo no seu aspecto moral e religioso, no seu culto pela consciência, na sua “linha ética”, os pontos mais salientes do pensamento anterior que ele o descreve, no *In Memoriam*, envoltos nas suas torturas físicas e morais; mas reconhece no entanto que quanto à sua Filosofia ele era “bem incompetente para a interpretar” (Cf. p. 507).

Mas – o que era importante e revela o talento cultural de Eça – ele reconhecia, embora não fosse filósofo, o valor do percurso filosófico de Antero. E por isso

intervém num momento decisivo que deu aso a Antero escrever o seu melhor trabalho filosófico.

Em 1887, na Carta Autobiográfica (Cartas II, p. 839) Antero manifesta o seu grande objectivo, o seu desejo supremo de expor e escrever as suas ideias filosóficas: “Quisera concentrar nessa obra suprema toda a actividade dos anos que me restam a viver. Desconfio, porém, que não o conseguirei; a doença que me ataca os centros nervosos, não me permite esforço tão grande e tão aturado como fora indispensável para levar a cabo tão grande empresa. Morrerei, porém, com a satisfação de ter entrevisto a direcção definitiva do pensamento europeu, o Norte para onde se inclina a divina bússola do pensamento humano. Morrerei também, depois de uma vida moralmente tão agitada e dolorosa, na placidez de pensamentos tão irmãos das mais íntimas aspirações da alma humana, e, como diziam os antigos, na paz do Senhor! – Assim o espero” (Cartas, II, p. 839).

Pois bem, os verdadeiros amigos sabem aparecer oportunamente quando as ocasiões o exigem. Antero desejava realizar o “seu desejo”, a sua “obra suprema” da exposição das suas ideias filosóficas. Desconfiava, porém, que a sua nervose não lho consentiria. É nesta altura que surge e intervém Eça como confessa o próprio Antero: “Para mostrar o meu afecto ao nosso Queirós, comecei a escrever, com destino à Revista (Ocidental) um artigo sobre as tendências gerais da filosofia na actualidade, coisa sumária: mas o assunto apossou-se de mim, passou a ser quase outra coisa o trabalho e no fim de 3 meses acho-me tendo produzido um estudo que na Revista dará 3 ou 4 artigos, e que depois ampliado será um livro. Ficou reservada muita coisa que naturalmente não cabe em artigos de revista (...) Mas, em suma, são as minhas ideias somente expostas por um método impessoal pondo de parte as minhas vistas originais e processo próprio e dialéctico, e apresentadas simplesmente como induzidas da evolução do pensamento moderno e mais especialmente das tendências filosóficas dos últimos 80 anos (...) Espero que V. encontre no meu estudo algumas páginas que lhe agradem. Em todo o caso peço-lhe que o leia com atenção, para me indicar lacunas, contradições, e o mais que parecer bem ser reformado, esclarecido ou desenvolvido para a forma definitiva do livro. Os artigos começarão a sair em Fevereiro, provavelmente. Estou agora passando a limpo. Esta ocupação tem-me feito

bem, de sorte que talvez continue, considerando sobretudo que é o único lado em que posso ser prestável" (Cartas II, 966).

Prestável, sim e de que maneira?! Finalmente realizou o "seu desejo", quase "a sua obra suprema", "para mostrar o meu afecto ao nosso Queirós". Assim não só Antero mas também a nossa história da filosofia ficou a dever à amizade entre Antero e Eça de Queirós as "**Tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do Século XIX**" que é o mais completo escrito filosófico de Antero de Quental.

Foi este um fruto magnífico da amizade de Eça em relação a Antero de Quental. E de Antero em relação a Eça de Queirós? O diálogo desperto por essa amizade trouxe alguma vantagem a Eça? Sim e é deveras notável. Antero era muito sincero com os amigos e pode-se até afirmar que era uma característica da sua amizade a sinceridade cultural. É impressionante os conselhos e até as advertências que Antero lançava ao seu maior amigo Oliveira Martins e pedia e acatava as dele. Por isso não admira que o mesmo tenha acontecido como Eça de Queirós. Quando Eça publicou pela primeira vez na Revista Ocidental, em folhetins, *O Crime do Padre Amaro*, Antero achou o romance apenas "Pigault-Lebrun forrado de Flaubert, como V. (Oliveira Martins) irá vendo e pasmando" (Cartas, I, p. 270). Quando, porém, Eça, aceitando as críticas, refunde e melhora o livro, Antero escreveu-lhe uma carta que é ainda hoje uma das melhores apreciações sobre o seu valor literário. E como estamos no centenário queirosiano, vem a propósito recordá-la:

"Meu caro Eça de Queirós: Tem V. uma excelente, sete vezes excelente ideia, refazendo o seu Padre Amaro. Conseguiu assim fazer uma obra que eu considero perfeita, e comigo quem entender um pouco destas coisas. Há muito tempo que não leio coisa que me dê tanto gosto e o que é melhor, que me fizesse pensar. O seu livro é o melhor exemplar de psicologia social portuguesa contemporânea, e para lhe dizer todas as reflexões que me sugeriu tinha de lhe escrever várias folhas de papel. Fica para quando V. vier a Lisboa, se quiser arrostar com estas ladeiras, onde habito. Dir-lhe-ei somente que V. adquiriu finalmente a segurança, a facilidade e aquela espécie de bonomia superior, que é própria de mestres. Está já acima de escolas; aquilo não é realismo nem naturalismo, nem Balzac, nem Zola; aquilo

é a verdade, a natureza humana, que é o que faz as obras sólidas, não os sistemas, as escolas. O outro **Amaro** está muito longe disto; além das tendências literárias visíveis, havia as tendências voltairianas, uma espécie de hostilidade do autor contra os personagens, que ele descrevia com intenções extra-artísticas; para concluir, para provar tese havia não sei que azedume misantropo. Agora é outra coisa. Agora V. está na região serena da contemplação pura das coisas, cheio de longanimidade, imparcial, vendo só os homens e os corações dos homens, pelo interesse que neles há, pela verdade natural, e não com argumentos para teses. Isto, quanto a mim, é o que é verdadeiro realismo, verdadeiro naturalismo, isto é que é a grande Arte. Assim fizeram Molière e Schakespeare, Balzac e Goldsmith. O seu livro deixou de ser uma obra de tendências para ser uma obra humana. A longanimidade, a indiferença inteligente com que V. descreve aquela pobre gente e os seus casos, encantou-me. Com efeito, aquela pobre gente não merece ódio nem desprezo. Aquilo, no fundo, é uma pobre gente, uma boa gente, vítimas da confusão moral do meio de que nasceram, fazendo o mal inocentemente, em parte, porque não entendem mais nem melhor, em parte porque os arrasta a paixão, o instinto, como pobres seres espontâneos, sem a menor transcendência. Isto é a verdade, em geral, de todos os homens, por isso a grande Arte é sempre serena, tolerante, magnânima. É ainda mais verdade da Portuguesa em particular. Eu creio que não há no mundo raça dotada de melhor natural, a não ser talvez os Japoneses, pela ideia que deles me deu o livro de Miford. Aqui não há perversidade, e apenas alguma malícia, bem ingénua (...). Quanto ao artístico, V. não precisa que eu lho indique. É um artista consciente, sabe muito bem o que faz. O seu estilo, à parte alguma incorrecção e uma certa pobreza de vocabulário (V. nunca quis ler os clássicos!) é admirável. Já há muito que eu tinha notado que é V., entre nós, o único que nunca é banal. Nos seus períodos não há nunca uma palavra para encher, para arredondar, mandada pôr ali pelo ouvido e não pela imaginação. Ali, cada palavra está porque deve estar: pinta, descreve, explica. É isso o ideal do estilo. O seu é vivo, tem, deixe-me assim dizer, o magnetismo da vida, *empoigne*. A gente vê.

Aqui tem meu caro Queirós, a correr, a impressão geral da sua leitura do romance. Se tivesse mais saúde, havia de escrever-lhe mais longamente considerando pormenores. Mas não posso. Se V. por aqui vier, conversaremos." (Cartas I, pp. 499-500).

Como resultado também deste diálogo, tão amigo como exigente e até minucioso, Eça tomou a sério as advertências e lançou-se à obra de refundir o livro do Padre Amaro que fez desse romance uma “obra considerada perfeita” e recebeu o elogio, talvez inesperado mas verdadeiro, e que por isso naturalmente calou fundo no seu coração, de “mestre”, de ter escrito até então “o melhor exemplar de psicologia social portuguesa contemporânea”, que “está já acima de escolas”, “de estilo admirável”, “o único que nunca é banal” ... Estas palavras, tão elogiosas e sinceras, como verdadeiras, devem ter abalado e ecoado profundamente no espírito de Eça como o revela o seu testemunho tão belo e generoso como agradecido do *In Memoriam*. Do diálogo íntimo, sincero e fecundo destes dois amigos nasceram, em Antero, “*As tendências Gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX*” e em Eça um dos romances mais relevantes e o indelével testemunho do *In Memoriam* sobre Antero. Recordar o fruto cultural desta amizade dos dois maiores génios da “Geração de 70” é certamente também uma celebração das melhores e mais proficuas do centenário do falecimento de Eça de Queirós.